

Resenha

Marx e Engels sobre a particularidade das lutas de classes na Rússia

Felipe Ramos Musetti*

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. 164 p.

Dando continuidade ao importante projeto de publicação da obra completa de Karl Marx e Friedrich Engels no Brasil, a Boitempo Editorial disponibiliza ao leitor de língua portuguesa uma reunião de escritos dos autores sobre a Rússia, traduzidos diretamente do alemão por Nélio Schneider. Organizada por Michel Löwy, a coletânea intitulada *Lutas de classes na Rússia* inclui em um único volume: “Literatura de refugiados V”, de Engels, publicado em 1875, que vem acompanhado do texto introdutório redigido posteriormente pelo autor²; a “Carta à redação da *Qtechestvenye Zapiski*”, redigida por Marx em 1877; a correspondência entre Marx e a revolucionária russa Vera Ivanovna Zaslitch, ocorrida em 1881, que inclui os quatro esboços preparatórios elaborados pelo filósofo alemão enquanto redigia sua resposta à carta de Zaslitch; o “Prefácio” que Marx e Engels escreveram conjuntamente à edição russa do *Manifesto comunista*, de 1882; além do “Posfácio” de Engels a *Questões sociais na Rússia*³, de 1894. O livro conta também com uma introdução redigida por Michel Löwy, intitulada “Dialética revolucionária contra a ideia burguesa de ‘progresso’”, bem como o texto “Vera Zaslitch e Karl Marx”, de David Riazanov, que narra a instigante história na qual o autor encontrou, com o genro de Marx, os manuscritos originais dos esboços de sua resposta à carta de Vera Zaslitch, em 1911, quase 30 anos após a morte do filósofo alemão. Cabe destacar, ainda, os méritos dos editores de manter as introduções e notas da edição original da MEGA II, traduzidas para o português, que enriquecem a edição brasileira ao expor a história detalhada da redação e publicação de cada texto da coletânea, bem como algumas informações fundamentais do contexto no qual estão inseridos.

No que se refere à importância dos textos coligados para a compreensão do pensamento dos autores, o primeiro ponto a ser destacado é o seu conteúdo, que se constitui, fundamentalmente, das reflexões de Marx e Engels acerca da questão agrária e das comunas rurais na Rússia, bem como da análise de ambos sobre as condições de possibilidade de uma revolução social numa estrutura econômica caracterizada por seu desenvolvimento capitalista atrofado em relação ao ocidente. Tal como as reflexões marxianas sobre o desenvolvimento desigual que caracterizou a *miséria alemã*, as análises sobre a realidade econômica russa apresentam a tematização das formas particulares de objetivação do capitalismo. Este empreendimento teórico foi possibilitado pela crítica ontológica desenvolvida por Marx desde 1843, para a qual “compreender não consiste, como pensa Hegel, em reconhecer por toda parte as determinações do Conceito lógico, mas em apreender a lógica específica do objeto específico” (MARX, 2006, p. 108).

O segundo ponto que merece destaque – ainda acerca da importância dos textos reunidos na coletânea – é bem mais delicado e se refere à explicitação de algumas diferenças significativas entre as concepções de Marx e as de Engels. Mais precisamente, sugere-se que a coletânea, ao aproximar reflexões independentes de Marx e Engels sobre o mesmo objeto, revela que o próprio Engels não está livre de certas incompreensões no que se refere à radicalidade da crítica ontológica de Marx à filosofia especulativa hegeliana.

O documento que abre a coletânea de *Lutas de classes na Rússia* retrata a polêmica de Engels com o blanquista Piotr Nikititch Tkatchov. Este, resgatando argumentação de Herzen, apresenta uma concepção utópica e idealizada da comuna rural, aduzindo que, graças à presença significativa de tal forma de propriedade na estrutura econômica russa, o povo estaria “impregnado dos princípios de posse comum” (TKATCHOV *apud* MARX; ENGELS, 2013, p. 48). A realidade econômica, justamente em razão de seu desenvolvimento retardatário, tornaria mais fácil a transição para uma sociedade socialista na Rússia do que na Europa Ocidental, haja vista que, embora não houvesse “proletariado urbano” desenvolvido na Rússia, tampouco havia “burguesia”. Considerando “o poder do capital” ainda embrionário em território russo, restaria aos trabalhadores a tarefa de combater “apenas o poder político”, que se caracterizaria pela presença de um estado “que não tem raízes na vida econômica do povo; não corporifica em si os interesses de nenhum estamento” (TKATCHOV *apud* MARX; ENGELS, 2013, p. 38).

* Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

² Tal introdução recebe o título de “Observação prévia à brochura ‘Questões sociais na Rússia’”.

³ Sob o título “Questões sociais na Rússia” foi publicado o Artigo V de *Literatura de refugiados* como panfleto separado (cf. MARX; ENGELS, 2013, pp. 30-1).

Em “Literatura de refugiados V”, Engels responde a Tkatchov, em argumentação que, num primeiro momento, ataca a concepção segundo a qual o estado russo pairaria no ar, demonstrando a relação orgânica entre este e as demandas do capitalismo parasitário russo, de modo a apontar que os diversos setores da sociedade que viviam da espoliação dos camponeses tinham suas “práticas lucrativas” protegidas pelas “leis e tribunais” do estado russo. O segundo momento da argumentação engelsiana atentava para a questão da comuna rural, sustentando que somente com um estágio bastante elevado do “desenvolvimento das forças produtivas da sociedade” é que se torna “possível aumentar a produção a um nível em que a eliminação das diferenças de classe seja um verdadeiro progresso e possa ser duradoura, sem acarretar uma paralisação ou mesmo um retrocesso no modo de produção da sociedade” (MARX; ENGELS, 2013, p. 49). E, de acordo com Engels, “a propriedade comunal da terra é uma instituição que encontramos, num estágio inferior de desenvolvimento, em todos os povos indo-germânicos” (MARX; ENGELS, 2013, p. 49), de modo que, se ela se mantinha na Rússia, isto provaria, “em primeiro lugar, que ali a produção rural e suas correspondentes condições sociais ainda se encontram num estágio muito pouco desenvolvido, o que é realmente o caso” (MARX; ENGELS, 2013, p. 50). Apontando o “isolamento completo das comunidades individuais umas das outras” como marco característico do baixo nível de desenvolvimento representado pela comuna rural, o autor concluía que:

a propriedade comunal na Rússia há muito abandonou a época de seu florescimento e, ao que tudo indica, rumo para a própria dissolução. Ainda assim, inegavelmente existe a possibilidade de fazer essa forma social passar para uma forma social superior, caso ela se conserve até que as circunstâncias estejam maduras para isso e caso ela se mostre capaz de desenvolver-se de tal maneira que os camponeses não mais cultivem a terra de forma separada, mas sim conjuntamente; fazê-la passar para essa forma superior sem que os camponeses russos tenham de percorrer os estágios intermediários da propriedade parcelária burguesa. Porém, isso só poderá acontecer se, na Europa Ocidental, uma revolução proletária for vitoriosa ainda antes da desagregação total da propriedade comunal, propiciando ao camponês russo as condições para essa passagem, e sobretudo também as condições materiais de que ela necessita para impor a revolução necessariamente associada a ela em todo o seu sistema agrícola. (...) Se há algo que ainda pode salvar a propriedade comunal russa e propiciar-lhe a oportunidade de se transformar numa nova forma realmente capaz de sobreviver, isto seria uma revolução proletária na Europa Ocidental (MARX; ENGELS, 2013, p. 53).

Note-se que Engels procura sustentar sua conclusão a partir das descobertas que expõe, juntamente com Marx, em *A ideologia alemã*. Valendo-se de uma análise genética do desenvolvimento do modo de produção capitalista em sua totalidade, os autores asseveraram que “é somente com a grande indústria (...) que se torna possível a superação da propriedade privada” (MARX; ENGELS, 2009, p. 52). Marx e Engels sabiam, ao menos desde 1846, que uma *revolução social* pressupõe um “alto grau de desenvolvimento das forças produtivas”, sem o qual “apenas se generaliza a escassez (...) e toda a velha imundice acabaria por se restabelecer” (MARX; ENGELS, 2009, p. 52). Entretanto, sem perceber, o melhor amigo de Marx acabou superestimando a validade das abstrações razoáveis, “aplicando” mecanicamente ao caso particular uma legalidade cuja validade é garantida apenas para o complexo total do ser social. Assim, sugeria que, para a Rússia, “a burguesia (...) é uma condição tão necessária à revolução socialista quanto o próprio proletariado” (MARX; ENGELS, 2009, p. 37). Recaiá, em alguns momentos de sua argumentação, em uma interpretação logicizante que distorcia a concepção de história esboçada em *A ideologia alemã*, concluindo que, em razão do baixo desenvolvimento das forças produtivas, não existem as “condições materiais” para uma revolução social na Rússia, de modo que o processo de degeneração da comuna rural só poderia ser interrompido por uma revolução proletária vitoriosa na Europa Ocidental. Michel Löwy, à sua maneira, não deixou de observar, na “Introdução” a *Lutas de classes na Rússia*, o inegável “peso do determinismo econômico” na visão de Engels “sobre a revolução na Rússia e na Europa” (LÖWY in MARX; ENGELS, 2013, p. 10).

Os textos de Marx revelam uma posição diferente. Na “Carta à redação da *Otechestvennye Zapiski?*”, redigida em 1877, o autor atentou para a relação entre as tendências universalmente legais extraídas da análise genética do modo de produção capitalista e as tendências particulares do desenvolvimento local na Rússia, protestando contra as indevidas generalizações dos resultados de suas investigações históricas. Importante observar, Marx não deixou de reconhecer certa legalidade imanente passível de ser extraída de sua análise sobre a acumulação primitiva apresentada em *O capital*, mas advertiu contra aqueles que procuravam “metamorfosear totalmente” o seu “esquema histórico da gênese do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria histórico-filosófica do curso geral fatalmente imposto a todos os povos, independentemente das circunstâncias históricas nas quais eles se encontrem” (MARX; ENGELS, 2013, p. 68). Tal advertência foi reiterada em sua correspondência com Vera Zasulich, na qual o filósofo alemão insistia em que a tendência histórica identificada na análise da gênese da produção capitalista “está expressamente restrita aos países da Europa Ocidental” (MARX; ENGELS, 2013, p. 114).

Os esboços redigidos durante a elaboração da carta de Marx a Vera Zasulitch apresentam o detalhamento da argumentação marxiana. Nestes, o autor procurava afastar a ideia da aniquilação da comuna rural na Rússia como uma “fatalidade histórica”, destacando uma série de elementos constitutivos da particularidade do desenvolvimento capitalista russo, caracterizado como produto de uma “combinação de circunstâncias únicas” que impediria a mera aplicação das tendências extraídas do processo de acumulação primitiva na Europa Ocidental como se fossem leis universais. Segundo Marx, “a situação histórica da ‘comuna rural’ russa é sem igual” (MARX; ENGELS, 2013, p. 100), haja vista que “a Rússia é o único país europeu em que a ‘comuna agrícola’ se manteve em escala nacional até os dias atuais” (MARX; ENGELS, 2013, p. 94) e, por conseguinte, a comuna russa “se encontra (...) situada num ambiente histórico em que a contemporaneidade da produção capitalista lhe disponibiliza todas as condições do trabalho coletivo”. Ademais, ela “não só é contemporânea da produção capitalista como também sobreviveu à época em que esse sistema social ainda se apresentava intacto” (MARX; ENGELS, 2013, p. 90), ou seja, permanece como “forma quase predominante da vida popular” na Rússia mesmo após as Revoluções de 1848 na Europa terem revelado o esgotamento do período no qual, nos termos do *Manifesto comunista*, “a burguesia desempenhou (...) um papel eminentemente revolucionário” (MARX; ENGELS, 2011, p. 42). Situada num ambiente histórico global no qual o modo de produção burguês encontra-se “em luta contra a ciência, contra as massas populares e contra as próprias forças produtivas que engendra” (MARX; ENGELS, 2013, p. 90), a comuna russa seria “capaz de incorporar as conquistas positivas produzidas pelo sistema capitalista sem passar por seus ‘forçados caudinos’” (MARX; ENGELS, 2013, p. 99).

Com efeito, *Lutas de classes na Rússia* explicita que, ao invés de submeter a realidade russa a uma lógica abstrata extraída da gênese da produção capitalista no ocidente, a argumentação de Marx caminha de modo a identificar sua particularidade em relação à totalidade posta no “mercado mundial”, procurando compreender a *diferença específica* do fenômeno social em sua conexão com as legalidades gerais do modo de produção. Tal como Engels, o filósofo alemão não deixou de reconhecer que “nesse momento, a vida da ‘comuna rural’ corre perigo” (MARX; ENGELS, 2013, p. 101), não nutrindo nenhuma ilusão acerca de uma “conspiração de interesses poderosos” que ameaçavam sua existência em prol do desenvolvimento parasitário do capitalismo russo. Havia, segundo Marx, um “dualismo inerente à ‘comuna agrícola’”, com elementos que poderiam “propiciar-lhe uma vida vigorosa”, de um lado, e outros que poderiam se tornar, com o tempo, sua “fonte de decomposição” (MARX; ENGELS, 2013, pp. 92-3). O autor advertia, todavia, para o perigo de se naturalizarem as forças do capital que tornam insustentável a manutenção da estrutura comunal, tomando sua dissolução como *necessária*: “o que ameaça a vida da comuna russa não é uma fatalidade histórica nem uma fatalidade teórica; é a opressão por parte do estado e a exploração pelos intrusos capitalistas que se tornaram poderosos, à custa dos camponeses, com a ajuda do próprio estado” (MARX; ENGELS, 2013, p. 105). Em sua resposta a Vera Zasulitch, Marx estava convencido de que a comuna dos camponeses “é a alavanca [*point d'appui*] da regeneração social da Rússia” (MARX; ENGELS, 2013, p. 115), mas, para isso, seria necessária “uma potente reação” para “eliminar as influências deletérias que a assaltam de todos os lados e então assegurar-lhes as condições normais de um desenvolvimento espontâneo” (MARX; ENGELS, 2013, p. 115).

Sem desconsiderar a importância decisiva de uma revolução no ocidente para o sucesso da comuna russa, a argumentação de Marx era cautelosa no sentido de não estender a validade das determinações essenciais extraídas da análise genética do modo de produção capitalista para além de sua razoabilidade ontológica. Por esta razão, jamais atribuiu ao processo de degeneração da propriedade comunal o caráter de necessidade lógica, tal como Engels fez em alguns momentos de sua argumentação, sobretudo quando sugeriu que, sem uma revolução prévia no ocidente, a comuna rural estaria condenada necessariamente a perecer. Nesse sentido, aponta-se que, no “Prefácio” à edição russa do *Manifesto comunista*, escrito juntamente com Marx em 1882, tal posição de Engels, expressa em “Literatura de refugiados V”, foi abandonada para dar lugar a uma concepção que se abria para a possibilidade de a “revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no ocidente”, acrescentando que, se isso acontecer “de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma revolução comunista” (MARX; ENGELS, 2013, p. 125). Entretanto, mesmo no “Posfácio” a *Questões sociais na Rússia*, redigido em 1894, após rever em parte sua posição a partir do exposto na carta de Marx à redação da *Qtechestvenye Zapiski*, Engels parece novamente superestimar a força da necessidade econômica no sentido de torná-la uma lógica autônoma que governa os processos históricos, revelando reminiscência da filosofia hegeliana em seu pensamento. Ademais, negligenciando advertência destacada, juntamente com Marx, em *A ideologia alemã*, acabou convertendo especulativamente “a história posterior na finalidade anterior” (MARX; ENGELS, 2009, p. 40). Após constatar que “a mencionada forte deterioração da propriedade comum na Rússia avançou consideravelmente” (MARX; ENGELS, 2013, p. 135) – possibilidade de modo algum descartada pelas análises de Marx –, interpretaria este fenômeno como único resultado possível, haja vista que seria “uma impossibilidade histórica querer que um estágio econômico inferior do desenvolvimento resolva os enigmas e conflitos que só surgiram (e só poderiam surgir) num estágio bem superior” (MARX; ENGELS, 2013, p. 133). Diante do Segundo Império francês e da grande indústria inglesa, argumenta que “não se poderia pedir que a Rússia, tendo por base apenas a comunidade

camponesa, se lançasse de cabeça em experimentos visando a um estado socialista” (MARX; ENGELS, 2013, p. 139). Assim, o “Posfácio” a *Questões sociais na Rússia*, redigido 11 anos após a morte de Marx, parece confirmar que o autor, em alguns momentos, desconsiderou a heterogeneidade da realidade social e estendeu a validade das tendências históricas extraídas do processo total, aplicando-as mecanicamente à particularidade russa de modo a obscurecer suas especificidades, as quais Marx não deixou de sublinhar.

Os textos coligados em *Lutas de classes na Rússia* não revelariam, por fim, uma “virada’ metodológica, política e estratégica” na trajetória intelectual dos dois autores, mas a radicalidade da crítica ontológica desenvolvida por Marx desde 1843, quando rompeu com a concepção hegeliana de ser para constituir um novo patamar de racionalidade, que redirecionava a crítica filosófica para a apreensão do objeto “em seu significado específico”, rejeitando todo procedimento que dissolva a heterogeneidade dos processos históricos a partir da subsunção destes a uma lógica autônoma. Radicalidade esta que, em alguns momentos, passou despercebida pelo seu melhor amigo e maior parceiro intelectual, não obstante todas as contribuições de Engels para o movimento revolucionário internacional, muitas destas decisivas para o desenvolvimento da crítica ontológica de Marx⁴. A atualidade de *Lutas de classes na Rússia* se afirma, nesse sentido, à medida que destaca a fecundidade da crítica ontológica marxiana como procedimento rigoroso de apreensão da realidade social. Este, longe de estabelecer um sistema abstrato de regras absolutas, constitui um estatuto teórico atento para a relação entre a particularidade da realidade histórico-social e os lineamentos básicos do ser social, cujo caráter processual jamais se deixa reduzir a uma concepção teleológica da história.

Referências bibliográficas

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do direito de Hegel*. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Trad. Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. *Manifesto comunista*. Trad. Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013.

4 Menciona-se, a título de exemplo, o *Esboço de uma crítica da economia política*, de Engels, como um dos principais estímulos para o aprofundamento dos estudos de Marx sobre economia política.